

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Cardoso, Suzana Guedes  
Volcan, Taiane de Oliveira

## **Covid-19 no Brasil : a desigualdade social e de raça como indutores no avanço da doença no país**

<http://hdl.handle.net/11067/7064>  
<https://doi.org/10.34628/03j6-f156>

### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2023
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-07-22T02:20:03Z com informação proveniente do Repositório

# 16.

## Covid-19 no Brasil: a desigualdade social e de raça como indutores no avanço da doença no país

Covid-19 in Brazil: social and racial inequality as inducers in the spread of the disease in the country

**SUZANA GUEDES CARDOSO**

Doutora. Universidade de Brasília (UNB) – Brasil. [suzanagc@gmail.com](mailto:suzanagc@gmail.com)

**TAIANE DE OLIVEIRA VOLCAN**

Doutora. Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Brasil. [taianevolcan@gmail.com](mailto:taianevolcan@gmail.com)

<https://doi.org/10.34628/03j6-f156>

**Resumo:** Este trabalho discute em que medida as desigualdades sociais, a vulnerabilidade econômica da população negra brasileira e a desinformação contribuíram para o aumento dos casos de infecção e mortalidade por Covid-19. Além disso, buscamos discutir como a desinformação sobre a COVID-19 no Brasil (Recuero et al., 2021) pode ter seus efeitos potencializados no contexto da desigualdade social que afeta especialmente a população negra e mais pobre. Para isso adotamos uma abordagem mista de métodos quantitativos e qualitativos, com o objetivo de selecionar informações numéricas divulgadas pelo PNAD entre 2019, 2020 e 2021, PNAD Contínua - Covid-19 de 2020 e da Síntese de Indicadores Sociais 2020 e 2021, no quesito cor ou raça preta e parda, do IBGE, que podem nos auxiliar a compreender como o segundo país com mais mortes pela doença no mundo foi atravessado por uma estrutura racista e desigual que se impõe historicamente sobre sua população.

**Palavras-chave:** Covid-19; desigualdade; racismo; desinformação.

**Abstract:** *This paper discusses the extent to which social inequalities, the economic vulnerability of the Brazilian black population, and misinformation have contributed*

*to the increase in cases of infection and mortality from Covid-19. In addition, we seek to discuss how misinformation about COVID-19 in Brazil (Recuero et al., 2021) can have its effects potentiated in the context of social inequality that significantly affects the black and poorer population. For this, we adopted a mixed approach of quantitative and qualitative methods, intending to select numerical information published by the PNAD between 2019, 2020, and 2021, Continuous PNAD - Covid-19 of 2020 and the Synthesis of Social Indicators 2020 and 2021, in the item color or black and brown race, from IBGE, which can help us understand how the second country with the most deaths from the disease in the world was crossed by a racist and unequal structure that historically imposes itself on its population.*

**Keywords:** Covid-19; inequality; racism; misinformation.

## Introdução

As desigualdades sociais no Brasil evidenciaram uma realidade única e alarmante durante a pandemia de Covid-19, expondo a especial vulnerabilidade social e econômica da população negra diante de uma epidemia. A desigualdade racial no país, historicamente reconhecida e debatida no âmbito político e acadêmico, é percebida pela população em geral, muitas vezes, como mais um dado estatístico em algum relatório institucional. No entanto, diante da realidade de uma pandemia global que matou milhões de pessoas, acabou ganhando visibilidade e expondo, na prática, o que há tempos se observa em relatórios e estudos acadêmicos. A desigualdade mata, o racismo mata e diante de um vírus de espalhamento rápido como o da Covid-19, não somos todos iguais.

Os dados estatísticos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciam que os pretos e pardos são a maioria dos brasileiros, o que equivale a cerca de 56 % da população. Desse percentual, os dados indicam que as taxas de pobreza e pobreza extrema são altíssimas entre os negros: o limite da pobreza é de 32,9 % entre esta população; e abaixo da linha de pobreza estão 8,8 % (IBGE, 2019). Embora, como demonstram os dados do IBGE, a maior parte da força de trabalho do país seja composta por pessoas negras, são justamente elas as que mais

sofrem com a informalidade e, conseqüentemente, com a fragilidade das condições de trabalho impostas por essas relações informais.

A alta informalidade e os baixos rendimentos financeiros dão corpo a tais desigualdades, que se expressam, na vida prática e real da população negra, na falta de acesso à saneamento básico<sup>1</sup>; na dificuldade de acesso à educação de qualidade<sup>2</sup>; falta de acesso à moradia<sup>3</sup>, serviços de saúde de alta complexidade<sup>4</sup> e, ainda, assistência social. Todos esses fatores compõem um quadro da desigualdade social no país que assola a população negra e que, durante a pandemia de Covid-19, acabou por expor essa parcela da população a índice ainda mais elevados de contágio em relação ao restante da população, além de piores condições de manejo dos doentes. Segundo dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)<sup>5</sup>, do Ministério da Saúde, divulgada em 3 de dezembro de 2021 pelo IBGE, em todas as idades, homens pretos e pardos foram as principais vítimas da Covid-19.

Considerando o cenário apresentado, este estudo se propõe a analisar em que medida as desigualdades sociais e a vulnerabilidade econômica da população negra brasileira contribuíram para o aumento dos casos de infecção e mortalidade por Covid-19? Além disso, apresentamos uma breve reflexão sobre os impactos da desinformação durante a pandemia para as populações mais vulneráveis. Para isso adotamos uma abordagem mista de métodos quantitativos e qualitativos, com o objetivo de selecionar informações numéricas divulgadas pelo PNAD

---

<sup>1</sup> A Síntese de Indicadores Sociais (SIS), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, apontou que, 54,7 % dos domicílios em que a pessoa residente era negra ou parda tinham acesso aos serviços de abastecimento de água, rede de esgotamento e coleta direta ou indireta de lixo. Mas, entre os domicílios em que a pessoa residente era branca, o índice sobe para 72,1 %.

<sup>2</sup> Do início ao fim: população negra tem menos oportunidades educacionais | Disponível em: <https://todospelae-ducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/#:-:text=Ensino%20Fundamental%3A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20negra%20tem,e%2097%2C9%2C%20respectivamente.>

<sup>3</sup> De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE 2020: 45,2 milhões de pessoas residiam em 14,2 milhões de domicílios com algum tipo de inadequação. Desta população, 13,5 milhões eram de cor ou raça branca e 31,3 milhões pretos ou pardos.

<sup>4</sup> Segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), negros e pobres têm maior acesso a serviços de atenção básica do SUS (Sistema Único de Saúde). Mas, para procedimentos de alta complexidade, o cenário muda: brancos e mais ricos são capazes de obtê-los de modo mais simples.

<sup>5</sup> HOMENS PRETOS E PARDOS MORRERAM MAIS DE COVID DO QUE BRANCOS EM 2020. Agência IBGE Notícias, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32414-homens-pretos-e-pardos-morreram-mais-de-covid-do-que-brancos-em-2020>

entre 2019, 2020 e 2021, PNAD Contínua - Covid-19 de 2020 e da Síntese de Indicadores Sociais 2020 e 2021, no quesito cor ou raça preta e parda, do IBGE. Em seguida, realizamos um cruzamento com dados divulgados por estudos que apontam os impactos da desinformação sobre COVID-19 no Brasil (Recuero et al., 2021), de modo a refletir sobre como a desinformação em saúde tem os seus efeitos potencializados no contexto da desigualdade social, que afeta especialmente a população negra. Com isso, pretendemos discutir não apenas este contexto específico da pandemia, mas também refletir sobre caminhos para atenuar os seus efeitos em contextos de desigualdade extrema.

Creswell (2010) esclarece que métodos mistos transformativos servem ao propósito de “defender grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas/raciais marginalizadas, membros de comunidades gays e lésbicas, pessoas portadoras de deficiências e pobres” (Mertens, 2003, apud Creswell, 2010, p. 39). O autor identifica, na pesquisa de métodos mistos, a tipologia estratégia transformativa concomitante, que adota a coleta de dados quantitativa e qualitativa simultaneamente. Segundo Creswell (2010), a estratégia transformativa concomitante tem como ênfase a perspectiva teórica ou estrutural conceitual, entre outras, que molda uma questão de pesquisa direcional (por exemplo, gênero, raça, teoria da ciência social) ao explorar um problema (desigualdade, discriminação, injustiça, entre outros), a identificação das fontes de dados, a análise, a interpretação e o relato dos resultados.

O recorte da amostra se deu pela seleção do quesito cor ou raça preta e parda (adotado pelo IBGE) e das variáveis “faixa etária” e do indicador social “mercado de trabalho” a partir do universo de investigação: PNAD entre 2019, 2020 e 2021, PNAD Contínua Covid-19, 2020 e da Síntese de Indicadores Sociais 2020 e 2021 no quesito cor ou raça preta e parda, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A intencionalidade da amostra desta pesquisa está em compreender a inge-rência das desigualdades sociais relacionadas à população afrodescendente no contexto da infecção e da mortalidade desse grupo social provocadas pelo vírus da Covid-19.

## Um panorama racial, social e pandêmico do Brasil

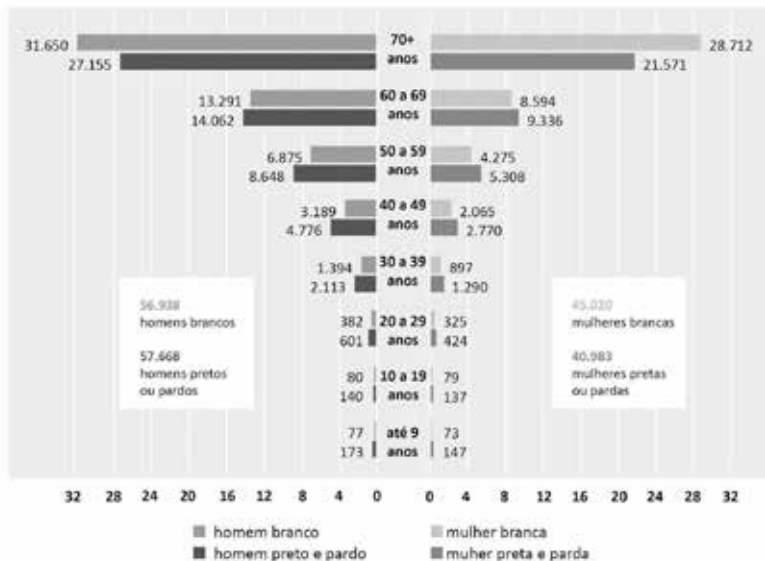
A pirâmide etária do número de óbitos por Covid-19 no Brasil (tabela 1) é um retrato da profundidade da desigualdade racial no país. Num primeiro momento,

ao observarmos os números absolutos, percebemos que os brancos foram a maioria dos mortos. No entanto, quando começamos a analisar a segmentação dos dados, somos confrontados com a realidade que a grande maioria das vítimas da pandemia apresentadas no gráfico são pessoas com mais de 70 anos, o que reduz significativamente a representatividade de negras e negros nesse grupo.

De acordo com o último Relatório Anual das Desigualdades Sociais, do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, a expectativa de vida entre negros no Brasil é de 67 anos, enquanto a dos brancos é de 73 anos. Conforme a idade vai sendo reduzida no gráfico, observamos que a população negra representa a maioria das vítimas fatais da pandemia.

O expressivo número de vítimas na faixa economicamente ativa é outro sintoma dessa desigualdade, pois, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar Contínua 2021 do IBGE, pretos e pardos representam 64,1 % da mão de obra desocupada e 65,6 % da mão de obra subutilizada no país, o que impulsiona essa parcela da população para informalidade e a falta de direitos mínimos que pudessem garantir a segurança desses trabalhadores durante o auge da pandemia de covid-19.

**Tabela 1** – Pirâmide etária do número de óbitos por Covid-19 (mil pessoas)



Fonte: Adaptado da Síntese de Indicadores Sociais, 2020, IBGE.

Além de condições de trabalho mais precárias, a população negra enfrenta ainda a desvalorização do seu trabalho. Segundo o mesmo relatório do IBGE, o rendimento do trabalho de pessoas brancas foi, em média, 69 % superior ao de pessoas pretas e pardas. Aspectos que impactam diretamente nas condições de prevenção e controle da pandemia, por exemplo. Em 2021 o rendimento médio domiciliar per capita mensal da população branca foi de R\$1.866, enquanto o da população preta foi de R \$956 e parda R\$945. Esse desequilíbrio financeiro está diretamente relacionado com a pandemia de covid-19, uma vez que muitas das medidas de prevenção e controle da pandemia envolvem aspectos financeiros, como o isolamento de pessoas contaminadas, o que é praticamente inviabilizado em condições de moradia precárias; o uso de produtos antissépticos para prevenir o espalhamento do vírus e, principalmente, a possibilidade de ficar em casa garantindo o isolamento social nos momentos mais críticos da pandemia.

Essa desigualdade se reflete em dados como o estudo<sup>6</sup> do Centro Técnico Científico da PUC do Rio de Janeiro (CTC PUC-Rio), mostrou que enquanto 55 % de negros morreram por covid, a proporção entre brancos foi de apenas 38 %. Já, um outro estudo realizado pelo Instituto Polis em São Paulo<sup>7</sup> mostrou que a taxa de óbitos por covid-19 entre negros na capital paulista foi de 172 óbitos para cada 100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115 óbitos para cada 100 mil habitantes. Santos et al (2020) entendem que os desdobramentos da pandemia da Covid-19 numa sociedade estruturada pelo racismo penalizam grupos vulneráveis compostos por pessoas negras.

Além da desigualdade racial que observamos nos registros sobre a pandemia, existe um outro aspecto fundamental para compreender o atravessamento da raça na pandemia no Brasil, que é o histórico apagamento das pessoas pretas e pardas das estatísticas oficiais. Embora a inclusão de dados sobre raça/cor seja obrigatória desde 2017 no Brasil, de acordo com a portaria nº 344 do Ministério da Saúde, Santos *et al.* (2020) observam que, de acordo com o boletim epidemiológico referente à semana 21 da pandemia Covid-19, o número de casos confirmados com estratificação da raça/cor ignorada totalizava 51,3 % (60.382) do total

---

<sup>6</sup> <https://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-do-nois/>

<sup>7</sup> <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>

de 117.598 casos confirmados. Ou seja, quase metade dos casos confirmados da doença no país não apresentavam informação sobre raça/cor. Mesmo diante desse apagamento estatístico, a população preta e parda ainda foi numericamente a mais afetada pela pandemia e, não por acaso, mais uma vez a parcela mais prejudicada pelo conjunto de desigualdades que se impõe historicamente sobre ela.

## Pandemia e desinformação: um fenômeno global, mas desigual

Um dos grandes desafios da pandemia de Covid-19 foi o manejo de informações sobre a doença, como medidas de prevenção, tratamentos e vacinação. A desordem informativa (Wardle & Derakhshan, 2017) relacionada à pandemia foi tão significativa que a Organização Mundial da Saúde classificou que vivemos uma infodemia<sup>8</sup> dentro da pandemia, que conforme a entidade pode ser compreendida como:

[...]um excesso de informações, incluindo informações falsas ou enganosas em ambientes digitais e físicos durante um surto de doença. Causa confusão e comportamentos de risco que podem prejudicar a saúde. Também leva à desconfiança nas autoridades de saúde e prejudica a resposta da saúde pública. Ela pode intensificar ou prolongar os surtos quando as pessoas não têm certeza sobre o que precisam fazer para proteger sua saúde e a saúde das pessoas ao seu redor. (OMS, online, tradução das autoras)

No relatório de pesquisa “Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil”, Recuero *et al.* (2020) apontam que um dos desafios relacionadas à desinformação durante a pandemia no país foi, justamente, o acesso à informação de qualidade, uma vez que os usuários de planos de internet econômicos enfrentam dificuldades para acessar informações publicadas fora de plataformas como Facebook e WhatsApp, facilitando o espalhamento de desinformação (Evangelista & Bruno, 2019). Isso se dá tanto pela limitação de uso de dados, que normalmente não possibilita o acesso a links externos às plataformas de rede social, como pela cobrança para o acesso das matérias, imposta pelas próprias empresas de comunicação. Com

---

<sup>8</sup> [https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1)



isso, a leitura dos usuários economicamente mais vulneráveis fica condicionada predominantemente a manchetes compartilhadas nas plataformas de rede social.

Outro aspecto relevante apontado pelos autores é o fato de que os usuários que compartilham desinformação geralmente são mais engajados e publicam com mais frequência (Recuero *et al.*, 2020). Ou seja, eles costumam ser mais ativos em plataformas de rede social, compartilhando um volume expressivo de desinformação o que, para usuários cujo acesso está mais limitado ao ambiente dessas plataformas, impacta na percepção da realidade, formando uma espécie de câmara de eco desinformativa (Sunstein, 2001), que faz com que a desinformação pareça mais aceitável, uma vez que os usuários são constantemente expostos a elas.

Assim percebemos, que também o aspecto da desinformação, um contexto particularmente relevante para compreender a dificuldade no controle da covid-19, não apenas no Brasil como no mundo, apresenta um atravessamento social que não pode ser ignorado. Conforme observamos nos dados históricos, as desigualdades sociais impõem condições precárias que contribuem para o adoecimento e morte de pessoas em situação de vulnerabilidade.

No entanto, parece-nos fundamental destacar que, no cenário de uma pandemia global na qual a disputa pela informação se tornou um aspecto central o combate ao vírus, a desigualdade social – que é aprofundada pela questão racial no Brasil – está também relacionada à desigualdade no acesso à informação de qualidade, representando mais um agravante para a situação da população pobre e negra no contexto da pandemia de Covid-19.

## Considerações finais

Neste trabalho apresentamos algumas reflexões sobre como as desigualdades sociais e a vulnerabilidade econômica da população negra brasileira podem ter contribuído para o aumento de casos de infecção e mortalidade por Covid-19 neste grupo. Observamos que alguns fatores foram fundamentais para o desequilíbrio racial e social observado entre as vítimas da pandemia no país. O primeiro deles é que a desigualdade social historicamente mais severa para pretos e pardos no país representou um desafio ainda maior durante a pandemia. Empregos precarizados, desvalorização profissional, moradias sem saneamento básico e dificuldade

no acesso a serviços de saúde colocaram esse grupo já fragilizado em uma posição ainda mais desigual para tentar sobreviver ao vírus.

Com isso, a pandemia confirmou que pessoas historicamente negligenciadas pelo estado e pela própria sociedade estão entre os mais atingidos pela pandemia e foram expostos ao maior risco de óbito. Além disso, observamos que a desigualdade social também impacta no acesso à informação, especialmente informações de qualidade, sobre a pandemia, o que afetou diretamente o sucesso das medidas de controle da doença. Na realidade de uma pandemia que foi também classificada como uma infodemia pela Organização Mundial da Saúde, populações mais vulneráveis foram também as mais suscetíveis a informações falsas ou imprecisas sobre a doença, o que pode ter impactado a implementação adequada de medidas de higiene, isolamento social e vacinação da covid-19.

Nesta perspectiva, parece-nos fundamental reforçar que um dos primeiros passos para a superação do problema de profunda desigualdade - que mesmo durante uma pandemia global se impõe contra grupos historicamente vulneráveis - é o fortalecimento e a reestruturação de todas as instâncias do Sistema Único de Saúde (SUS), em paralelo com o fortalecimento da Assistência Social, Atenção Primária à Saúde e da Busca Ativa voltadas para grupos sociais de maior vulnerabilidade. Além disso, é fundamental ter como foco permanente a erradicação do racismo estrutural nas instituições de saúde pública e ainda à comunicação, nos Centro de Saúde e junto à comunidade local, de informações básicas e essenciais para mitigar o contágio do vírus da Covid-19 e de outros que possam surgir.

## Referências

- Brasil (2019). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico, n.9 de 11 de abril de 2020. Centro de operações de Emergências em Saúde Pública. Doenças pelo Coronavírus.
- Brasil. (2017). Ministério da Saúde. Portaria n.344, de 1.º de fevereiro de 2017. Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344\\_01\\_02\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html)

- Creswell, John W. (2010). Mapping the developing landscape of mixed methods research. In: TASHAKKORI, Abas; TEDDLIE, Charlie. SAGE handbook of mixed methods in social & behavioral research. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications. p. 45-68.
- Evangelista, R.; F. Bruno (2019). WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. *Internet Policy Review* 8(4). <https://doi.org/10.14763/2019.4.1434>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). Informativo IBGE sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. *Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica*, n.41.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). Informativo do IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD contínua: Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019. Brasília: IBGE.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) COVID-19. Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. (2021). Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 206 p. *Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica*, ISSN 1516-3296; n. 44.
- Recuero, R; Soares, F. B.; Vinhas, O.; Volcan, T.; Zago, G.; Stumpf, E. M.; Viegas, P.; Huttner, L. G.; Bonoto, C.; Silva, G.; Passos, I.; Salgueiro, I. & Sodré, G. (2020) Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate. Relatório de Pesquisa.
- Santos, M. P. A. (2020). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados* [online], v. 34, n. 99, pp. 225-244. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>. Epub 10 Jul 2020. ISSN 1806-9592.
- Sunstein, C. (2001). *Echo Chambers*. Princeton: Princeton University Press.
- UNICAMP. Discriminação mapeada: Abordagens étnicas e raciais revelam que negros são menos assistidos pelo sistema de saúde. Campinas, 2012, nº 525. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/525/discrimina%C3%A7%C3%A3o-mapeada>
- Wardle, C. & Derakhshan, H. (2017). Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report. Disponível em: <https://rm.coe.int/informationdisorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>.